

PERCURSOS: MODOS DE USAR SOCIOLOGICAMENTE

JOÃO TEIXEIRA LOPESⁱ

Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP)
Instituto de Sociologia da Universidade do Porto (IS-UP)

RESUMO

Breve digressão sobre as potencialidades do uso sociológico do conceito de percurso, aqui definido tendo em conta três dimensões essenciais: mobilidade (individual e coletiva, biográfica e estrutural, espacial e social), dinâmica (algo de novo se produz sempre nos interstícios da reprodução social, uma vez que o fluxo socializador é contínuo e diversificado) e diacronia (ajuste entre as dimensões passadas da socialização, os contextos do presente e a imaginação de futuros possíveis). Termina-se a viagem pelo conceito, propondo um novo conceito, o de coeficiente de singularidade, nas pisadas de Pierre Bourdieu e Bernard Lahire.

Palavras-chave: percurso(s), socialização, coeficiente de singularidade, tempos

ⁱ jlopes@letras.up.pt | ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-6891-7411>.

ABSTRACT

PATHWAYS: WAYS OF USING SOCIOLOGY

A brief digression on the potential sociological use of the concept of pathway, defined here taking into account three essential dimensions: mobility (individual and collective, biographical and structural, spatial and social), dynamics (something new is always produced in the interstices of social reproduction, since the socialising flow is continuous and diverse), and diachrony (adjustment between the past dimensions of socialisation, the contexts of the present and the imagination of possible futures). The journey through the concept ends by proposing... a new concept, the coefficient of singularity, in the footsteps of Pierre Bourdieu and Bernard Lahire.

Keywords: pathway(s), socialisation, coefficient of singularity, temporalities

RESUMÉ

PARCOURS: MODES D'UTILISATION SOCIOLOGIQUE

Brève digression sur les potentialités de l'usage sociologique du concept de parcours, défini ici en tenant compte de trois dimensions essentielles : la mobilité (individuelle et collective, biographique et structurale, spatiale et sociale), la dynamique (quelque chose de nouveau se produit toujours dans les interstices de la reproduction sociale, car le flux de socialisation est continu et diversifié) et la diachronie (ajustement entre les dimensions passées de la socialisation, les contextes du présent et l'imagination des futurs possibles). Le parcours du concept s'achève en proposant... un nouveau concept, le coefficient de singularité, dans la lignée de Pierre Bourdieu et de Bernard Lahire.

Mots-clés: parcours, socialisation, coefficient de singularité, temps

CONSIDERAÇÕES INICIAIS: MOBILIDADE, DINÂMICA, DIACRONIA

Um percurso é, etimologicamente, um caminho que se percorre na íntegra. Implica, por isso, uma *mobilidade*, uma *dinâmica* e uma *diacronia*. Este tripé não é necessariamente dotado de coerência ou consciência.

Opera-se, sociologicamente, na fímbria do individual e do coletivo, do reflexivo e do inconsciente, do material e do simbólico, do real e do imaginado. Por isso ele é tão rico nos seus modos (sociológicos) de uso.

A mobilidade, desde logo, pode ter múltiplas feições e depende das escalas de observação: se, a uma escala individual, é possível descortinar uma vastidão de “deslocações” biográficas (dos simples movimentos pendulares às migrações globais; do trajeto de um papel social a outro; da circulação e exposição entre instituições – algo que se acelera e densifica nas sociedades cada vez mais diferenciadas, num plano indissociavelmente espaço-temporal-social), a uma escala coletiva e estrutural pode persistir uma tendência de reprodução, mau grado as itinerâncias e as passagens. É conhecida a situação, amplamente referida por Bourdieu e Passeron (Bourdieu e Passeon, 1970), da mobilidade estrutural, em que todas as posições sociais são como que transladadas para cima, embora mantendo entre si as mesmas relativas distâncias, o que reproduz o sistema de desigualdades, sob outra feição. Ou ainda, nesse continuum de possibilidades que são as mobilidades sociais, percursos em que se entrelaçam processos de mudança e de continuidade. Tal lembra-nos que não há trajetos intrinsecamente isolados, na medida em que se vão moldando por contraste, interdependência e relação.

A dinâmica, de igual modo, é inerente aos percursos. Mesmo mantendo a posição social, os agentes são a todo o instante expostos a uma miríade de estruturas, princípios e valores que desafiam o esquema prévio de classificação, articulação e incorporação das experiências do mundo social (*ohabitus*) que foram paulatinamente interiorizando e modificando. Tais reformulações, sob a resistência desigual de inérncias acumuladas, operam tanto ao nível material, das condições objetivas, como ao nível simbólico, onde essa materialidade se perceciona, representa e simboliza. Quantas e quantas vezes, até no patamar fenomenológico ou existencial, notamos que somos diferentes do que éramos (ainda sendo os mesmos...) ou que, de uma situação a outra, de um cenário de interação a outro, de um papel social a outro, se mobilizam diferentes reportórios, competências e/ou disposições.

Bourdieu (1972; 1979) não deixa de assinalar essas dinâmicas: desde as deslocações verticais, ascendentes ou descendentes, no espaço social,

até à hipótese de movimentos transversais, de um campo a outro, em que se verifica a “reconversão” de capitais (do económico ao cultural, ou vice-versa, entre outras possibilidades). Os habitus, na sua singularidade, exprimem precisamente a incorporação da trajetória social, mas esta está longe de ser unívoca, como os modelos romanceados do eterno retorno ou da seta de sentido único... A origem social tem um peso preponderante nos trajetos, mas não explica tudo.

Importa ter em conta, por exemplo, as matrizes de socialização-características das instituições modernas (Lahire, 2001, 2012), a diferenciação interna das famílias, dos universos de vizinhança, dos sistemas de ensino, das ordens morais... Cada indivíduo interage cada vez mais dentro de múltiplos quadros sociais ao longo da sua trajetória, sendo exposto a estruturas, contextos e sistemas de disposições heterogêneos. Por isso, a análise dos percursos abraça a ambivalência, a contradição e a complexidade, favorecendo o modo de pensar relacional e consubstancial: a sua historicidade é sempre atravessada pelo estabelecimento de relações (eu-outro; passado-presente-futuro; entre as múltiplas esferas de vida e papéis sociais; entre disposições). Quer isto dizer que, em vez de pensarmos em ‘entidades’ separadas na formação das identidades, tantas vezes tida como monistas (classe, sexo, género, raça), melhor seria se olhássemos para a totalidade da experiência vivida, unindo o mais fenomenológico ao mais enraizado estruturalmente.

Por fim, a *diacronia*, o atravessamento do tempo, o cruzamento entre passado, presente e futuro.

Na verdade, os percursos são sempre, tanto à escala individual como coletiva, uma coexistência de assincronismos, uma acumulação de influências díspares, de genealogia diversa. O passado não cessa de um momento para o outro. O futuro começa antes do seu início literal. O presente encontra os tempos, tantas vezes desavindos. Já Marx falava da impureza dos modos de produção, onde coexistiam formações sociais de origens distintas. Qualquer percurso intersetava temporalidades do que “já não é” com o que “ainda não é”.

FÓRMULAS DO POSSÍVEL PARA EXPLICAR OS PERCURSOS

É conhecida a fórmula de Pierre Bourdieu (Bourdieu, 1979) para explicar a teoria da prática que se baseia no encontro entre um habitus e um campo, através da mobilização de determinados capitais. Ou seja, as disposições incorporadas (passado) modificam-se e atualizam-se de acordo com os recursos disponíveis num certo espaço estruturado (presente). O habitus tem, pois, uma componente de inércia (a cronologia das estruturas), mas também dimensões de invenção e improvisação, ainda que ajustadas às situações (Sapiro, 2020):

$$\boxed{[(\text{habitus}) (\text{capital})] + \text{campo} = \text{prática}}$$

Assim, disposicionalismo e contextualismo exigem-se mutuamente. Bernard Lahire (Lahire, 2012), por seu lado, ao pensar com, contra e para além de Bourdieu, coloca a ênfase na pluralidade dos patrimónios individuais de disposições, as quais seriam ativadas, inibidas e/ou transformadas pelos contextos. Deste modo, atualizando Bourdieu, Lahire apresenta as seguintes fórmulas:

Disposições ou competências + contexto = práticas: remete para a historicidade das socializações que permitiram a incorporação de disposições ou competências, mas cruza-a com os contextos de ação presentes, convocando quer a exigência de não esquecer o passado, quer a premência de ter em conta o contexto, nas suas intrínsecas e plurais configurações (definidas, na senda de Elias, como rede de interdependências);

Passado incorporado + contexto presente = práticas observáveis: enfatiza-se, metodologicamente, o facto de que as disposições nunca se observam de forma direta, uma vez que remetem para o seu processo e modo de produção enquanto “presença passada — mais ou menos precoce, durável, sistemática — em diversos contextos de ação” (Lahire, 2012, p. 26);

Produtos interiorizados pela frequência passada de contextos de ação + contexto presente = práticas observáveis: evidencia-se a dupla

perspetiva dos contextos presentes, quer enquanto configuração que desencadeia (ou inibe) disposições incorporadas, quer enquanto quadro socializador que atualiza, transforma e produz novas experiências, modificando disposições passadas, de um modo mais ou menos intenso, no limite gerando mesmo novas disposições.

Ora, neste caminho (percurso) argumentativo, gostaria também de contribuir com uma fórmula, que se inspira nas precedentes, com a ambição de acrescentar uma dimensão heurística eventualmente relevante para uma compreensão alargada da articulação das temporalidades na formação dos percursos:

Passado incorporado + contextos presentes de ação + projeto e imaginação de futuros possíveis = práticas observáveis

Saliento, com este acrescento, uma dimensão de intencionalidade, reflexividade e antecipação do futuro (sem esquecer que as expectativas são sempre moldadas pela percepção dos possíveis e das margens da sua ampliação – sei bem que os agentes tendem a “desejar” dentro da percepção de “chances” razoáveis de concretização).

Por outras palavras, realço que os indivíduos, dentro de um feixe de constrangimentos e possibilidades, configurados por modos desiguais de agência (ou desigualdades de agência) conseguem, melhor ou pior, negociar os significados das situações, mesmo as futuras, de acordo com o seu projeto e o seu potencial de metamorfose, conceitos que pedi emprestados a Gilberto Velho (1994). Por projeto, o antropólogo urbano brasileiro entende a capacidade de prosseguir determinados objetivos, de forma consciente ou tácita, organizada ou errante, com tradução em modalidades múltiplas e por vezes performativas de interpretação e definição da realidade. Ora, de acordo com os recursos e competências de trânsito entre realidades, contextos e papéis sociais distintos (potencial de metamorfose, próximo do que Augusto Santos Silva vem apelidando, em intervenções públicas, de “cosmopolitismo de rés-do-chão), o agente poderá imaginar futuros possíveis, dado que essa representação, longe de ser um quadro desligado da realidade objetiva, terá consequências no presente, adaptando, atualizando e transformando, *aqui e agora*, o rastro do passado incorporado pelo contacto com estranhos e novos referenciais de interlocução.

COEFICIENTE DE SINGULARIDADE DE CADA PERCURSO

Em cada pessoa, o coeficiente de singularidade (Costa, Lopes e Caetano, 2014) espelha relationalmente dimensões estruturais, contextuais e biográficas. A circunstância de o indivíduo ser socialmente produzido afasta-se das robinsonadas individualistas, mas realça o que, em cada percurso, é único. A Sociologia é tanto o estudo do comum, do padrão, da regularidade, como do único, irrepetível e singular (Lahire, 2023). Daí a imensa relevância do estudo diacrónico das variações intergrupos, interindividuais e intraindividuais, com transferência ou não de disposições de uns contextos a outros, com a sua ativação, adormecimento ou desaparecimento, com as suas consonâncias e dissonâncias, consequência da diferenciação social e da pluralidade de experiências que ela multiplica.

Cada existência social testemunha, pois, a coexistência da reprodução e da não reprodução (em particular quando existe a combinação da insatisfação com “potência de agir (...) o desejo confuso de uma outra vida, que pressupõe um modelo diferente dos modelos ambientes” (Chantal Jacquet, 2014, p. 69).

Tanto a coerência (que é possível existir em percursos lineares onde os mesmos princípios de socialização são constantemente ativados pelas situações, numa espécie de sobreaprendizagem) como a heterogeneidade (fruto da disparidade de orientações das multissocializações e da proliferação de contextos, quadros de interação e papéis sociais) são, pois, “casos do possível”, que Bourdieu identifica nos fenómenos do habitus clivado ou da *hysteresis* do habitus. Nas palavras de Lahire, que radicaliza a heterogeneidade: “Cada ponto da trajetória pode ser o momento de uma crise, de uma negociação, de uma dúvida, de uma hesitação entre várias possibilidades, de uma resistência ou de um constrangimento” (Lahire, 2002, p. 30), forjados nas relações e quadros ou configurações de interdependência dos indivíduos.

Além do mais, o conceito de coeficiente de singularidade dá visibilidade ao facto de, em cada percurso, em cada ação, os indivíduos se relacionarem diferentemente com as suas disposições, articulando componentes pré-reflexivas com dimensões reflexivas (racionalização, antecipação, estratégia), de acordo com os recursos (capitais) disponíveis.

Assim, diacronia e sincronia interagem; variantes e invariantes inter-setam-se; origem, percurso e projeto dialogam: o sistema de disposições não é totalmente unificado e, ainda que as primeiras socializações sejam da maior relevância, elas mesmas são diversificadas e reconfiguradas pelo campo (futuro) de possíveis.

Abrem-se assim as portas para a consideração de uma gama variada de percursos, sem que isso constitua uma anomalia sociológica. Incluo, nesta constatação, a análise de “percursos de contra tendência” (Costa, Lopes e Caetano, 2014; Roldão, 2012) ou “inesperados” (Lopes, 2023).

Eis que, ao modo sociológico, se revisita o velho debate sobre a unidade e a permanência. O estudo dos percursos talvez resolva o dilema que opôs Heráclito e Parménides. Se “não é possível entrar duas vezes no mesmo rio”, também não deixamos de ser o que somos, pois a transformação é consubstancial à continuidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude – *La Reproduction. Éléments pour une théorie du système d'enseignement*. Paris: Minuit, 1970. ISBN 9782707302260.

BOURDIEU, Pierre – *Esquisse d'une théorie de la pratique. Précédée de trois études d'ethnologie Kabyle*. Paris: Seuil, 2000. ISBN 9782020392662.

BOURDIEU, Pierre – *La Distinction. Critique sociale du jugement*. Paris: Minuit, 1979. ISBN 9782707302755.

COSTA, António Firmino da; LOPES, João Teixeira; CAETANO, Ana – *Percursos de estudantes no ensino superior*. Lisboa: Mundos Sociais, 2014. ISBN 9789898536341.

JAQUET, Chantal – *Les Transclasses ou la non-reproduction*. Paris: PUF, 2014. ISBN 9782130631828.

LAHIRE, Bernard – *L'Homme pluriel. Les ressorts de l'action*. Paris: Nathan, 2001. ISBN 9782091912476.

LAHIRE, Bernard – *Monde pluriel. Penser l'unité des sciences sociales*. Paris: Seuil, 2012. ISBN 9782021064599.

LAHIRE, Bernard – *Les Structures fondamentales des sociétés humaines*. Paris: La Découverte, 2023. ISBN 9782348077616.

LOPES, João Teixeira Lopes; BOIA, Pedro dos Santos; VELOSO, Ana Luísa; CALDAS, Matilde – A orquestra e a vida: percursos juvenis na Orquestra Geração. *Sociologia, Problemas e Práticas* [Em linha]. 86 (2018) 91-108. Disponível em: <http://journals.openedition.org/spp/4136>. ISSN 2182-7907.

LOPES, João Teixeira – *Elas. Percursos inesperados de jovens mulheres das classes populares*. Lisboa: Tinta da China, 2023. ISBN 9789896717360.

ROLDÃO, Cristina – *Fatores e Perfis de Sucesso Escolar “Inesperado”*. Tese de Doutoramento em Sociologia. Lisboa: ISCTE-IUL, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/9342>.

SAPIRO, Gisèle – Habitus. In SAPIRO, Gisèle (Org.) – *Dictionnaire International Bourdieu*. Paris: CNRS, 2020. ISBN 9782271082039. pp. 386-389.

VELHO, Gilberto – *Projeto e Metamorfose. Antropologia das Sociedades Complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. ISBN 9788571102903.

